



| | | | |
|---------------------|--|-------------------|---------------|
| DIÁRIO DE NOTÍCIAS | | COMÉRCIO DO PORTO | |
| PORTUGAL HOJE | | DIÁRIO POPULAR | 12. FEV. 1980 |
| CORREIO DA MANHÃ | | DIÁRIO DE LISBOA | |
| DIA | | CAPITAL | |
| DIÁRIO | | TARDE | |
| A TRIBUNA | | | |
| PRIMEIRO DE JANEIRO | | | |
| JORNAL DE NOTÍCIAS | | | |

OS CRAVOS VÃO DE MÃO EM MÃO

Por RAUL RÊGO

«A esperança que nos habita é um cravo vermelho que vai de mão em mão», disse Maria de Lurdes Pintasilgo, na sessão da Voz do Operário em que ela foi o pretexto para a confraternização de tantos democratas, de homens de Abril e que não estão dispostos a deixar que o mundo, o nosso mundo, volte para trás. E cantou-se a «Grândola, Vila Morena» que para muitos tem já o sabor das coisas clandestinas.

Mas a festa de Maria de Lurdes Pintasilgo foi precedida, no Porto, a Cidade da Liberdade, não o esqueçamos, de duas comemorações, vindo alear o espírito novo, o espírito dos cravos, das canções de Abril. Foi, em primeiro lugar, a evocação dos revolucionários do 31 de Janeiro. Foi depois a evolução dos revolucionários do dia 3 de Fevereiro de 1927. E por esses revolucionários falou o filho de um deles, a dizer-nos que o espírito que os insuflou não desapareceu das Forças Armadas Portuguesas, mas se mantém vivo e que a democracia vingará. A voz do coronel Pezarat Cor-

reia foi a voz do Conselho da Revolução, no Porto, enquanto Vasco Lourenço, na Voz do Operário, ao estender a mão e apanhar o cravo rubro que Lurdes Pintasilgo lhe atirava, se mostrava disposto a não deixar cair essa mensagem de Abril no chão.

Os portugueses vivem momentos de ansiedade. Jogam-se os destinos do País. Ou regressamos sobre nós mesmos para a clausura em que nós mantivemos meio século, decepcionando os homens, dividindo os povos: ou realmente respiramos a fundo o ar da

mavera de Abril, com seus cravos e canções e construímos um país novo, aberto, claro, voltado para o futuro de todos nós. Lembrando outros revolucionários vencidos, como os de 3 de Fevereiro, no Porto, também eu em Lisboa juntei a minha voz à de Pezarat Correia; e fi-lo em plena Assembleia da República. Mas aí a voz da esperança não quis ser ouvida por todos e houve até capitães de Abril, feitos políticos, que se abstiveram de pegar no cravo. Os partidos dividiram-se porque a mocção não visava apenas uma saudação formal, mas era uma afirmativa de opção num futuro democrático, de igualdade social, política e económica de todos os portugueses. E houve quem se abstinisse, quer dizer que não está com o ideal de Abril. Para eles os cravos devem ser deixados murchar e cair ao chão.

O País está dividido e o Governo trabalha por essa confrontação. Não esqueçamos que ele foi-se formando sob o signo da bipolarização. Cumpre, portanto, o objectivo que era o da aliança. E, é curioso, nada do que até hoje se celebrou, nada do que até hoje foi objectivo da nossa política idealista de há seis anos a esta parte, escapa à revisão estreita, deixa de ser revistado a ver se se contaminou; e muita da legislação vai ser posta de lado. Até o «Hamlet» e o Camões foram saneados, como perigosos revolucionários que são e sempre foram. As comemorações do centenário do poeta foram passadas à feira. Não admira porque há um século, ao ser-lhe celebrado também o centenário, ele se passou para o lado dos republicanos contra os monárquicos. Agora passamos a não pôr o

ideal socialista contra os homens da A. D.

Mesmo assim não deixa de ser curioso ver o cacharrote dos homens que são atirados para o mesmo cesto: o Conselho da Revolução, o Presidente da República, a quem se estabelece censura à correspondência, a Maria de Lurdes Pintasilgo, que não pode regressar a Paris, ao seu cargo de embaixadora, o Luís de Camões a quem se não faz festa se ele não demonstrar que está ao lado do sr. Lucas Pires.

Tanto nas comemorações do 3 de Fevereiro no Porto, como na Voz do Operário, o espírito do 25 de Abril parece ter voltado a aflorar ao de cima da multidão. Houve aclamações ao «M. F. A.». Onde elas iam já? Mas o facto constituiu reacção nítida contra a tendência do actual governo da direita que, mais do que um novo governo, quer dar a impressão de que se trata de um regime novo, ou seja, o regresso ao regime velho. A própria constituição da Assembleia da República inclui mais elementos comprometidos com o regime anterior e seus defensores claros do que a Assembleia dissolvida pelo Presidente da República no começo do Verão passado.

O perigo que se sente nos ares é o dos ideais do 25 de Abril, e um mês de actuação do Governo da direita não fez mais do que acentuar tal impressão. É como se estivessemos diante da contra-revolução. Os ministros falam e agem como se tivessem uma mensagem messiânica do Portugal velho para o ressuscitar; por outro lado, a imprensa e os meios de comunicação social ignoram sistematicamente quanto é do Portugal do 25 de Abril, continuam em campanhas caluniosas contra os homens do 25 de Abril e vai voltando às figuras do antigo. Vejam-se as entrevistas constantes de Kaulza de Arriaga, vejam-se até os homens que agora foram buscar à prateleira em que jaziam desde o 25 de Abril, para alguns serem postos como escoras no gabinete do dr. Sá Carneiro.

Os cravos de Abril vão de mão em mão e a esperança que eles suscitam começa a reavivar-se. Já não é sem tempo, porque, na mente de muita gente, essa esperança foi murchando e de tal maneira que a descrença, o fatalismo, parecem ter-se instalado em grandes camadas da população.

O cravo de Abril estava a fenececer. Muita campanha surda tinha sido feita: outros desertaram e alguns que a Revolução elevara a lugares altos não souberam corresponder, tomando a sua ascensão por virtude do mérito próprio e não apenas como um efeito da mesma revolução de que eles deveriam ter sido a charneira e o porta-voz mais convencido e eficiente. Pelo contrário, tanto no Exército, como no Conselho da Revolução, como nos vários ramos da administração pública, co-

meçou-se a ver o afastamento das personalidades carismáticas do 25 de Abril; depois, certos obreiros foram mandados para casa; e chegou-se ao máximo dissolvendo a Assembleia da República, no maior golpe até então vibrado ao ideal do 25 de Abril, as instituições democráticas.

Por sinal que os meses da campanha mostraram realmente a confrontação para onde se caminhava. Falaram de bipolarização; e vimos forças que foram das mais beneficiadas com o 25 de Abril, depois de estranhamente aferradas à ditadura voltarem-se contra quantos pouco tempo antes diziam apoiar. E normal. Os quadros superiores desses movimentos são os homens comprometidos com um colonialismo sem alma e que nunca tinham ousado erguer a voz nem pela democracia ou fraternidade cristãs nem sequer pelos direitos do homem. Vimos-os cerrar fileiras por o regime que não cultivava os cravos, mas que podia ter bem por símbolo o cardo da desolação. Medravam esses cardos nos campos de concentração de qualquer ilha africana.

A campanha eleitoral foi o que se viu. A direita miguelista e ultramontana voltou ao de cima. Não se poupou ninguém e até a figura gentil de Maria de Lurdes Pintasilgo, com sua fé religiosa, o seu ânimo e o sorriso aberto, quiseram conspurcar. Até ela foi insultada em jornais que se dizem católicos mas que de cristão nada têm. E que estamos também a voltar ao tempo de separar bem o que seja o culto católico, os ministros católicos e o espírito cristão. Se quisermos ir ao estilo evangélico diremos que há muitos publicanos que valem bem mais do que empertigados fariseus que fizeram da Fátima e de muitas igrejas de Portugal tribunas políticas enteadadas à reacção.

Como Cristo, também ela esteve menos com os ricos do que com os pobres; mas há tantos e tantos que gostariam de ver de novo estabelecido e selado esse culto imoral de colar a Igreja aos homens ricos. Eles dar-lhe-iam o esplendor. E alma? Dispensam-na, como a dispensaram durante quase meio século de serventia ao palácio do tirano.

Não estamos com um novo Governo da democracia portuguesa. Estamos com homens empenhados em criar um novo regime, abafar as esperanças e fazer secar os cravos vermelhos. Mas o povo que tomou parte naquela jornada monumental do 1.º de Maio de 1974, o mesmo que floriu de cravos os canos das espingardas e os canhões, que não quis matar e preferiu comunicar a sua esperança a todos os homens, até aos que haviam andado na corte dos tiranos, esse povo volta a dar conta de si. Gritou já, no Porto e na Voz do Operário, «M. F. A. M. F. A.», entendeu a «Grândola, Vila Morena», e os cravos andaram de mão em mão, das mãos da Maria de Lurdes Pintasilgo para as do Vasco Lourenço.

Possam eles inflar as esperanças de todos os portugueses, do povo de Portugal e dar-lhe ânimo para a luta que se avizinha. É que Abril não pode morrer, nem os cravos vermelhos podem murchar. Muito menos podem brotar os cardos onde floriram os cravos.